

XXII ENACED – II SIEPEC

Eixo Temático: Educação, Diversidade e Inclusão.

**O ORIENTADOR EDUCACIONAL E OS DESAFIOS PARA UMA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Denise Megier Rakowski Rosinke¹

RESUMO

Muitos são os desafios que o orientador educacional pode encontrar ao desempenhar o seu papel na busca de uma educação inclusiva. Diante disso, esse artigo objetiva refletir sobre o papel que o orientador educacional desempenha no processo da educação inclusiva e identificar quais são os principais desafios enfrentados em relação à inclusão. Esse artigo, também busca conscientizar sobre a importância da inclusão na escola, bem como o respeito às diferenças e ainda ver o orientador educacional como um facilitador do processo inclusivo, o elo entre pais, professores, alunos e direção. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com diversos autores relacionados ao tema. Os resultados apontam que o orientador educacional desempenha um papel de grande importância para a construção de uma educação inclusiva, mas que para isso enfrenta muitas dificuldades.

Palavras-chave: Desafios. Educação Especial. Inclusão. Orientação Educacional.

INTRODUÇÃO

Esse artigo científico visa discutir sobre os principais desafios, dificuldades e obstáculos enfrentados pelo orientador educacional frente à educação inclusiva na rede regular de ensino. Além disso, também se busca conceituar a educação inclusiva e ver quem é o seu público alvo, a fim de entendê-la e não confundi-la com a educação especial.

Da mesma forma, é de grande importância saber qual é o papel do orientador educacional frente à inclusão e pensar a educação inclusiva como uma revolução, no sentido de que provoca mudanças nos métodos e atitudes e não como uma reforma no espaço físico de uma escola, por exemplo. Assim, espero auxiliar no entendimento da educação especial

¹ Denise Megier Rakowski Rosinke. Graduada em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Pós-Graduada em Orientação Educacional pela Faculdade Centro SulBrasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação – CENSUPEG. E-mail: denirakowski@hotmail.com

XXII ENACED – II SIEPEC

inclusiva e no papel do orientador educacional, contribuindo com os estudos realizados na área, que muitas vezes, são escassos.

Para tanto, é necessário entender o que é a orientação educacional, qual o conceito da educação inclusiva e quem é a sua clientela. Da mesma maneira, se faz necessário saber qual é o papel que o orientador educacional deve desempenhar e sua relação com processo de inclusão, esclarecendo quais são os seus principais desafios encontrados, tendo em vista esse processo de inclusão e assim tentar entender por que isso acontece.

Para tal, imagina-se, que atualmente, ainda existe uma resistência muito grande por parte dos professores, pais e alunos em compreender a inclusão como algo a ser realizado na escola regular de ensino. Provavelmente, muitos têm a ideia de que a educação inclusiva deve ser feita em escolas especializadas nisso, desconsiderando a importância de inclusão e socialização para os alunos.

Então, levando em consideração esses aspectos, o principal objetivo desse artigo é refletir sobre o papel que o orientador educacional desempenha no processo da educação inclusiva, identificando os principais desafios, dificuldades e obstáculos enfrentados por ele em relação à inclusão. O artigo também objetiva conscientizar sobre a importância da inclusão na escola regular de ensino, bem como também, o respeito às diferenças e ainda ver o orientador educacional como um facilitador do processo inclusivo, o elo entre pais, professores, alunos e direção.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse artigo científico foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, levando em consideração as contribuições de diversos autores relacionados com o assunto abordado. Assim, essa pesquisa poderá proporcionar a reflexão da importância de atuação que possui esse profissional no processo de inclusão. Da mesma forma, também para a conscientização de que os alunos incluídos merecem primeiramente ser respeitados e que a sua inclusão na rede regular de ensino é um direito.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

XXII ENACED – II SIEPEC

Atualmente, o orientador educacional desempenha um papel de fundamental importância na escola. Felizmente, cada vez mais as pessoas têm conhecimento do quão é essencial e os benefícios que seu papel, quando bem desempenhado, pode trazer para todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem e para a instituição escolar como um todo.

Entretanto, de acordo com Pascoal (2005/2006), nem sempre foi assim, já que ao longo da história seu papel foi sofrendo modificações e muitas vezes, sua função era exercida por outra pessoa, como por exemplo, o pedagogo ou até mesmo o coordenador pedagógico. Isso fazia com que essas pessoas, muitas vezes, ficassem sobrecarregadas e não conseguissem desempenhar satisfatoriamente nenhuma das suas funções.

Dessa forma, antes de refletir sobre o papel do orientador educacional é necessário ter um conceito claro do que é a orientação educacional. Hoje em dia, a sua definição não está apenas ligada ao comportamento do aluno ou com o seu rendimento escolar, pois a questão é muito mais ampla do que isso. De acordo com Miguel (1973, p. 12)

“Orientação educacional é o processo organizado, e inserido na escola, pelo qual todos os conhecimentos científicos sobre o educando e métodos educacionais são colocados a serviço da máxima evolução e formação integral do educando, considerando este, em todos os seus aspectos, capaz de aperfeiçoamento e realização”. (apud PINTO, 2010, p.12).

E ainda Penteadó (1976, p. 2) afirma que

“A orientação é um processo sistemático, contínuo, uma assistência profissional realizada através de métodos e técnicas pedagógicas e/ou psicológicas, que levam os educandos ao conhecimento de suas características pessoais e das características do ambiente sócio-cultural, a fim de que possam tomar decisões apropriadas as perspectivas maiores de seu desenvolvimento pessoal e social”. (apud PINTO, 2010, p. 12).

Assim, entende-se que a orientação educacional é um processo complexo e contínuo, que não está apenas preocupado em solucionar problemas dos alunos ou preveni-los. É cada vez mais visível que a orientação educacional visa uma educação emancipadora, buscando formar um sujeito cada vez mais crítico que é capaz de opinar e de se posicionar sobre diferentes assuntos.

Ainda, segundo Pascoal (2005/2006, p. 120) “a orientação educacional pode se desenvolver em cinco áreas: o aluno, a escola, a família, a comunidade e a sociedade.”. Dessa maneira, entende-se que o orientador educacional desempenha diversos papéis, mas principalmente, o de mediador entre essas áreas. No que se refere ao aluno, o orientador

XXII ENACED – II SIEPEC

educacional deve estar preocupado com tudo aquilo que possa ajudar ele no seu processo de ensino aprendizagem e também em relação a sua dimensão social, afetiva e cultural.

Já em relação à escola, o orientador educacional deve estar sempre presente em tudo o que acontece nela, por exemplo, conselhos de classe, reuniões dos professores, construção do PPP, entre outras. Isso faz com que ele tenha um conhecimento amplo de tudo o que acontece e isso o auxiliará no bom entendimento da escola. Para a comunidade, o papel do orientador é “elevar o nível cultural dos membros da comunidade, propiciar debates sobre temas de seu interesse, bem como de alunos, pais, professores, envolvendo questões presentes no dia-a-dia.” (PASCOAL, 2005/2006, p. 122).

E ainda em relação à sociedade o orientador educacional pode propiciar discussões sobre questões contemporâneas que sejam do interesse dos alunos, pais, professores ou que venham a contribuir com a formação de cidadãos críticos e emancipados. Assim, entende-se que o orientador educacional desempenha um papel muito importante diante das áreas em que pode atuar, sendo necessário tanto para a educação, como para todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Da mesma forma, é imprescindível que o orientador educacional seja um facilitador do processo de inclusão, acreditando que as singularidades de todos os indivíduos podem sim contribuir e muito na formação integral do ser humano. Para tal, antes de entendermos o papel do orientador educacional frente à inclusão é necessário tomarmos conhecimento do que é a educação inclusiva, quais as pessoas que fazem parte dela e por que ela é diferente da educação especial.

Segundo Sasaki (1997, p. 41) a inclusão pode ser definida como

Um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sintomas sociais gerais pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumirem seus papéis na sociedade. (...) Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (apud PICCOLI, 2010, p. 16)

Assim, entende-se que para a escola ser realmente inclusiva os alunos devem ser aceitos com suas singularidades e ter elas respeitadas por todas as pessoas que estão naquele espaço, como os colegas, professores, equipe diretiva, etc. Também, devem receber

XXII ENACED – II SIEPEC

oportunidades de aprendizagem que sejam condizentes com as suas necessidades e habilidades.

Ainda, de acordo com Rodrigues (2001, p. 16) a educação inclusiva pode ser conceituada como “o desenvolvimento de uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com necessidades especiais na escola regular” (apud PICCOLI, 2010, p. 19). Assim, as pessoas que fazem parte da educação inclusiva não são apenas as que apresentam necessidades educacionais especiais, mas também fazem parte dela as crianças e idosos, alunos com transtornos globais do desenvolvimento, alunos com renda baixa, negros e pardos, mulheres e homossexuais. Isso é reforçado por Antunes (2008, p. 16) quando afirma que “A inclusão deve se dar desde os primeiros anos de vida e esse conceito abrange desde pessoas portadoras de deficiências até os que possuem necessidades educacionais especiais, de caráter temporário, intermitente ou permanente.”. E esse é um dos motivos pelo qual a educação inclusiva não deve ser confundida com a educação especial.

Dessa maneira, pode-se entender que a clientela ou público alvo da educação especial é mais restrito do que o da educação inclusiva. E também, que um dos objetivos principais da educação especial é ajudar os alunos que apresentam alguma necessidade especial a desenvolver as suas habilidades e potencialidades. Enquanto isso, os objetivos da educação inclusiva são mais amplos que isso, pois, devem saber lidar com os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, reconhecendo e atendendo as reais necessidades de seus alunos.

Assim, o orientador educacional desempenha um papel muito importante no que diz respeito à inclusão escolar. Dessa forma, cabe a ele estar preparado para os desafios que surgirem e sempre buscar alternativas e meios para ajudar os alunos na sua formação integral como ser humano, bem como a sua formação como cidadão. Porém, nesse trabalho ele não está sozinho, ou pelo menos jamais deveria estar, pois deve contar com o apoio de todos os membros da equipe escolar.

Todos os membros da escola desempenham uma função importante na busca da construção de uma escola inclusiva e para isso devem estar unidos em torno do mesmo objetivo. O orientador educacional pode ajudar no planejamento e implementação de projetos que sejam importantes para a escola, comunidade, equipe diretiva, professores e alunos.

Porém, para a construção de uma escola inclusiva só isso não é o suficiente, já que existem muitos outros fatores que não podem ser esquecidos e que, geralmente, não dependem

XXII ENACED – II SIEPEC

apenas do orientador educacional ou da escola. Conforme Piccoli (2010, p. 9-10) para a inclusão educacional ser efetiva “além da capacitação docente que é fundamental, necessita do suporte de uma série de fatores como os mecanismos legais institucionais, políticas pedagógicas, acessibilidade, infraestrutura e por fim, comprometimento dos diversos atores sociais.”.

Da mesma forma, o orientador educacional também deve ser capaz de perceber que a educação inclusiva na escola não é uma reforma e sim uma revolução e conscientizar todos os outros membros sobre isso. A reforma nada mais é do que mudanças no espaço físico da escola e só elas não são capazes de transformar a escola em inclusiva. No entanto a revolução é, de acordo com Fávero (2004, p. 21)

qualquer grande transformação social e política suscetível de substituir as instituições e relações sociais anteriores e de iniciar novas relações de poder e de autoridade”². Dizemos que a educação inclusiva é uma revolução³, pois ela implica numa grande transformação dos ambientes educacionais. Transformação esta que será extremamente benéfica para todos os educandos.

Dessa maneira, algum desses fatores pode ser um desafio ou até mesmo impedimento para o orientador educacional desempenhar o seu papel em busca de uma escola inclusiva. Entretanto, existem muitos outros desafios enfrentados por ele diariamente no desempenho da sua função.

Um desafio bastante presente ainda hoje é o preconceito com o diferente, que geralmente, surge da falta de esclarecimento acerca do que é a inclusão e quais são os seus benefícios para todos os envolvidos. Diante disso, o orientador educacional deve tentar encontrar meios de conscientizar as pessoas sobre a importância da inclusão e da sua necessidade atualmente, pois isso não beneficia apenas os alunos incluídos, mas também todos os demais já que podem aprender um com os outros. Sobre isso Carvalho (2004, p. 29) afirma que

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda as diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento. (apud PICCOLI, 2010, p. 42).

² Cf. Dicionário Oxford de Filosofia, p. 344.

³ V. também BELISÁRIO FILHO, *INCLUSÃO: uma revolução na saúde*, 1999.

XXII ENACED – II SIEPEC

Também, não se pode esquecer que dependendo da escola que o orientador educacional trabalha a falta de verbas pode ser outro desafio enfrentado. Dependendo da necessidade especial que o aluno apresenta, a escola para incluir o mesmo precisa ter uma infraestrutura que propicie isso, seja uma rampa de acesso, um computador específico, uma mobília adequada ou qualquer outro material que é necessário.

Às vezes, também pode acontecer de a escola incluir determinado aluno que tem uma necessidade especial e não estar devidamente preparada para recebê-lo. Isso também é um desafio para o orientador educacional que deve buscar ajudar e orientar da melhor forma, tanto os membros escolares na busca de uma solução, como o próprio aluno no seu processo de aprendizagem.

Ainda, outro desafio bastante frequente nas escolas e que o orientador deve ser capaz de atuar é quando o professor recebe um aluno que não tem um diagnóstico da sua necessidade educacional especial ou mesmo quando esse diagnóstico demora. Isso é um desafio para o professor, mas também para o orientador educacional que precisa fazer encaminhamentos, auxiliar o professor a experimentar diversos recursos, atender o aluno para ver quais são suas reais dificuldades, entre tantos outros fatores que também fazem parte do seu papel.

O orientador educacional também pode se deparar com a resistência por parte dos colegas do aluno incluído ou até mesmo dos professores. Isso acontece, pois muitas vezes, os professores não foram devidamente preparados para lidar com um aluno que possui uma necessidade educacional especial e tem dificuldade nesse sentido. Dessa forma, o orientador educacional deve estar preparado para auxiliar os professores nesse desafio e buscar medidas que os auxiliem em sala de aula. Ele pode solicitar uma pessoa especializada para acompanhamento do aluno dependendo de sua necessidade especial, ou até mesmo buscar formações para os professores, promover debates e palestras sobre o assunto, etc.

A inclusão de qualquer aluno com necessidade especial na rede regular de ensino também trás benefícios para os professores, pois conforme Piccoli (2010, p. 43) os professores tem a chance “de planejar e conduzir a educação como parte de uma equipe cooperativa, melhoram suas habilidades profissionais e a mantêm-se informados das mudanças que ocorrem em suas áreas e garantem sua participação nas tomadas de decisões;”.

XXII ENACED – II SIEPEC

Agora se o desafio é a adaptação do aluno incluído devido à resistência dos seus colegas de classe, o orientador educacional também deve ser capaz de atuar sobre esse desafio. Ele deverá conversar com o aluno incluído para ver as suas dificuldades de adaptação e também com os seus colegas para ver por que ele não é aceito e depois disso, buscar uma alternativa para solucionar ou minimizar o problema.

Assim, a inclusão além de benefícios para os alunos e professores como mencionado anteriormente, também traz benefícios para a sociedade em geral, pois gera a igualdade social. Demonstra que apesar das pessoas possuírem diferenças todos são iguais e devem ter o seu direito a educação de qualidade respeitada, assim como as suas singularidades e particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, se pode perceber que o orientador educacional nem sempre foi visto como é hoje, já que tradicionalmente, ele era visto como uma pessoa que aconselhava dentro da escola. Com o passar do tempo, isso foi mudando e atualmente, seu papel é visto como muito importante no sentido de auxiliar os alunos no seu desenvolvimento integral e na sua formação como cidadão crítico.

O orientador educacional também é responsável por ajudar os alunos no seu processo de inclusão, propiciando a melhor forma para que eles consigam superar suas dificuldades de aprendizagem, integrando-se na escola, família e comunidade. Da mesma forma, também desempenha o importante papel de auxiliar os professores, equipe diretiva e comunidade sempre que necessário.

Provavelmente, o orientador sempre vai encontrar diversos desafios pela frente e também os mais variados possíveis. Porém, isso também é importante para o seu crescimento profissional e enquanto ser humano. O mais importante é que sempre busque resolver os desafios que surgirem da melhor forma possível para todos e que sua prática esteja sempre em constante aperfeiçoamento e avaliação crítica.

Também, é importante que o orientador educacional jamais deixe de acreditar e lutar por uma escola e uma sociedade cada vez mais inclusiva e respeitosa para todos, isso é primordial e viável se todos tiverem essa consciência e vontade para que isso aconteça. Para

XXII ENACED – II SIEPEC

tanto, é essencial que todos saibam o que é a inclusão e quem faz parte dela, que a educação inclusiva é diferente da educação especial e que o público alvo da inclusão é mais abrangente do que a clientela da educação especial.

Da mesma forma, é necessário ter a clareza da definição de orientação educacional e sempre tentar ver a inclusão como uma revolução na busca de transformações e não apenas como reforma. Todos esses fatores já são um início na busca da educação inclusiva, de uma educação de melhor qualidade e de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm>. Acesso em: 08/06/2022.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **O direito das pessoas com deficiência à educação**. 2004. p. 1-26. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/1567515676-1-PB.pdf>>. Acesso em: 27/06/2022.

GATTERMANN, Andréa. **Orientação Educacional: Os Desafios para o Século XXI**. 2013. p. 1-34. Monografia de Especialização, Universidade Federal de Santa Maria, Tio Hugo, RS, Brasil, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/628/Gattermann_Andrea.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15/04/2022.

PASCOAL, Miriam. O Orientador Educacional no Brasil: uma discussão crítica. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3 e 4, p.114-125, 2005/2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/viewFile/10549/7019>>. Acesso em: 13/03/2022.

PICCOLI, Roberta. **Educação Inclusiva do Aluno com Necessidades Especiais: Desafios e Perspectivas para os Gestores**. 2010. p. 1-52. Monografia de Especialização, Universidade Federal de Santa Maria, Constantina, RS, Brasil, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/397/Piccoli_Roberta.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20/03/2022.

PINTO, Maria Alice Cabral Ribeiro. **Bullying: Uma Questão de Responsabilidade Social e a Orientação Educacional**. 2010. p. 1-50. Monografia, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <

Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

XXII ENACED – II SIEPEC

http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t205530.pdf>. Acesso em: 18/04/2022.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação Inclusiva: Revolução ou Reforma**. p. 1-6. Programa Ética e Cidadania. Disponível em: <
<https://docplayer.com.br/6439635-Educacao-inclusiva-revolucao-ou-reforma.html>>. Acesso em: 27/04/2022.